

O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA FILOSÓFICA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Genildo Ferreira da Silva
Maria do Socorro Gonçalves da Costa

RESUMO

O presente texto se propõe a tratar da identificação do papel da mulher, de como ela é descrita, quais as funções que a figura feminina desempenha na literatura filosófica de Jean-Jacques Rousseau, destacadamente nas obras: *Confissões*, *Júlia ou a nova Heloísa*, *Emílio ou Da Educação* e *Émile e Sophie ou Os Solitários*. Rousseau inicia as *Confissões* dando destaque às recordações de sua mãe, repassadas por seu pai. A ela, atribui a sensibilidade adquirida, seguida das figuras da tia, da ama, da madame de Warens, uma criada e Sra. de Vercellis. Júlia é descrita como uma mulher sábia, forte, talentosa. Em torno dela, desenrolam-se as ações que dão curso ao romance. Sofia é a mulher ideal pensada para seu aluno imaginário, Emílio. Além de tornar-se sua esposa, ela se encontra sempre na posição de passar ao seu marido orientações categóricas na maioria de suas decisões, embora em os *Solitários* se separem, Rousseau a retrata como uma mulher virtuosa. Enfim, Rousseau caracteriza a mulher como afetuosa, afável, carinhosa, docemente sentimental, mas, ao mesmo tempo, um ser forte e virtuoso.

Palavras-chave: Mulher. Literatura. Filosofia. Rousseau.

1 INTRODUÇÃO

Jean-Jacques Rousseau é um dos mais reconhecidos filósofos modernos e do iluminismo francês. Autor de Cartas, Romances, Discursos e Tratados, Rousseau se destaca como um dos pensadores mais completos do período. No contexto iluminista, mesmo tendo contribuído com verbetes sobre música para a *Enciclopédia*, Rousseau é um dos poucos que estabelece uma crítica aos possíveis exageros que poderiam resultar do excesso de confiança desse movimento, indo de encontro a muitas das ideais propagadas por tal corrente e defendidas pelos seus contemporâneos, a exemplo de Voltaire, d'Alembert e Diderot. Os enciclopedistas foram os responsáveis pela organização da *Enciclopédia ou dicionário raciocinado das ciências, das artes e dos ofícios* em forma de volumes que pretendeu reunir todos os saberes produzidos pelo homem até aquele momento sobre as diversas áreas do saber.

2 A FILOSOFIA DE ROUSSEAU

Entre 1749, início do seu percurso e reconhecimento intelectual e 1762, o filósofo produziu suas obras de maior relevância e reconhecimento mundial. Entre críticas exacerbadas às ciências e às artes (*Primeiro Discurso*) a uma autobiografia no modelo de Santo Agostinho (*Confissões*) é possível passear pela diversidade e densidade filosófica que o autor legou à humanidade. Ao tratar de assuntos

ligados aos costumes e moralidade, ciência e artes, progresso, educação e política se compreende melhor o conjunto de seus pensamentos e observa-se o exímio filósofo que fora, de seu tempo, porque como os outros tratou de diversos temas inerentes ao período, e para além, por se diferenciar de seus contemporâneos ao prever e abordar questões que estavam para além da discussão iluminista, como o anti-progresso, a degradação moral do homem, enquanto o progresso era festejado pelo conjunto de pensadores e defensores do iluminismo.

Em suas *Confissões*, Rousseau põe-se como análise e dá ao mundo suas memórias, narrando seu percurso de vida e de como foi sendo constituído o seu processo intelectual por meio do gênero literário iniciado por Santo Agostinho e retomado por ele. Mas, enquanto o bispo de Hipona confessava-se a Deus, justificando-se por seus pecados e pede perdão, o genebrino oferece-se aos homens como exemplo único e de coragem em dar-se a conhecer aos seus semelhantes, confessando seus percalços, seus pecados, seus erros e suas angústias como homem e esperando deles reconhecimento, julgamento e perdão; além de indicar que todos podem estar fadados à errância, sucesso ou insucesso na vida existencial. É sua narrativa confessional.

Outra característica da filosofia de Jean-Jacques Rousseau é o valor dado aos sentimentos mais do que à razão. Precursor do romantismo que tem como cerne a expressão dos sentimentos, são estes, que na perspectiva de Rousseau levam à razão intelectual. Sentir para ser e conhecer, conhecer para julgar e raciocinar é o procedimento adotado por Rousseau, observado principalmente no processo educativo do jovem Emílio. A razão sensitiva toma o lugar da razão intelectual. Para bem conhecer é preciso sentir, ver, ouvir, provar e julgar, algo inovador no período em que se comemorava o auge da razão e que a mesma representava a “salvação” para muitos problemas sociais.

3 A MULHER NO SÉCULO XVIII OU DO PERÍODO ILUMINISTA

À mulher, no início do século XVIII, pouca importância lhe fora dada tanto no aspecto político quanto intelectual. A literatura em geral a retratou como símbolo do romantismo tradicional e da delicadeza ou até mesmo da depravação vinda da tradição medieval. Poucas conquistas foram alcançadas até o auge da revolução francesa. Por outro lado, a partir desse período começam a surgir as primeiras lutas e algumas conquistas galgadas pelo sexo feminino, é quando tem início as primeiras discussões de gênero e os direitos por igualdade entre homens e mulheres. Embora existam críticas fervorosas ao Rousseau no que diz respeito à sua abordagem da figura feminina, nosso propósito aqui não é falar especificamente da igualdade de gênero, mas apenas destacar a figura da mulher em algumas obras de Rousseau, deixando para outro momento este debate.

4 O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA FILOSÓFICA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Não se deve deixar de lado que, o contexto ao qual nos referimos está repleto de acontecimentos os mais diversos possíveis e que de alguma forma, isto se reflete tanto literatura de modo geral, como na filosofia de maneira mais específica, como em Voltaire e Rousseau. Em se tratando do filósofo em questão, não se deve perder de vista seu diagnóstico da depravação dos costumes diante

da existência de uma sociedade corrompida que perdeu há muito o traço da natureza primitiva a qual foi aos poucos se degradando. Nesse contexto, surge a pergunta: de que maneira a mulher é integrada à literatura filosófica de Jean-Jacques como reflexos de uma época e da expressão das idéias deste autor? É oportuno lembrar que em sua narrativa confessional, as *Confissões* depara-se com a saudosa e adorável descrição do Rousseau por sua mãe Suzanne Bernard, falecida pouco depois de ele ter nascido. Talvez por tê-la perdido muito cedo e o seu pai a tê-la perpetuado ao filho por meio das leituras que faziam juntos ainda em sua infância, a mulher termine por perpassar alguns dos escritos mais importantes do filósofo e ter adquirido uma significação muito representativa como nas *Confissões*, em *Júlia Ou a Nova Heloísa*, no *Emílio ou Da Educação*, *Emílie* e *Sophie ou Os Solitários*.

Iniciando por sua narrativa autobiográfica, *Confissões*, que segundo Façanha (2006), é fundamental para se compreender suas obras filosóficas: tanto as de doutrina quanto seus tratados, arte (estética), encontraremos nos dois primeiros livros dessa obra, nos quais Rousseau narra de sua infância aos anos em que começa a trabalhar ainda na adolescência, o destaque que dar à algumas mulheres e de como elas foram importantes na construção de seu caráter, de seus gostos em sua infância e adolescência. A primeira delas é sua mãe Suzanne Bernard. Embora rica, segundo os relatos de seu genitor, Rousseau a descreve como possuidora de sabedoria, beleza, bondade e virtude. Diante de todos os empecilhos para a união com seu pai, manteve-se resoluto, algo semelhante à história de Ulisses e Penélope. “De todos os dons com que os céus os aquinhoou, só me deixaram foi um coração sensível: e isso, entretanto, que fez a felicidade deles, fez todas as desventuras da minha vida” (ROUSSEAU, 2008, p. 30), é a declaração dele a seus progenitores, responsáveis, segundo relata, por sua sensibilidade. Segue-se a ama, Jacqueline, a quem exalta as ternas mãos e os cuidados, quando menino. A tia, irmã do seu pai. Sobre a tia, destaca:

Afora o tempo que passava junto a meu pai, lendo, escrevendo, ou quando passeava com a ama, ficava sempre junto de minha tia, vendo-a bordar, ouvindo-a cantar sentado em frente ou ao lado dela. E me sentia feliz. A jovialidade dela, a meiguice, o rosto agradável deixaram-me impressões tão fortes que ainda hoje vejo seu ar, seu olhar, sua atitude; lembro-me ainda das suas frases carinhosas [...] (ROUSSEAU, 2008, p. 34).

Esta sua tia fora a grande responsável por despertar e imprimir nele uma de suas maiores paixões – a música, que o acompanharia em toda a sua vida e em muitos momentos o tirou da fome. Referindo-se a tia, diz:

Estou convencido de que lhe devo o gosto, ou melhor, a paixão pela música, que só se desenvolveu em mim muito tempo depois. Sabia uma prodigiosa quantidade de árias e canções que cantava com um fio de voz muito suave. A serenidade da alma dessa excelente moça afastava dela, e de tudo que a cercava, a melancolia e a tristeza. Tal era a atração que sobre mim exercia o seu canto que não só muitas das suas cantigas me ficaram na memória, como, hoje que a perdi, tendo-as esquecido quase todas desde a infância, à medida que envelheço as vou recordando com um encanto que não sei exprimir (ROUSSEAU, 2008, p.34).

O pai, a tia e a ama foram as primeiras pessoas a fizeram parte do ciclo familiar infantil de Jean-Jacques Rousseau, e as responsáveis por uma educação inicial sensitiva e singular, fazendo com desenvolvesse um caráter efeminado e sensível, segundo afirma. Citando Rousseau (2008, p. 35):

Foram essas as primeiras feições do início da minha vida. Assim começou a se formar ou se mostrar em mim esse coração ao mesmo tempo tão orgulhoso e terno, esse caráter efeminado

e, entretanto, indomável, que flutuando sempre entre a fraqueza e a coragem, entre a moleza e a virtude, pôs-me até o fim em contradição comigo próprio, e fez com que o gozo e a abstinência, o prazer e a sabedoria me tenham igualmente escapado.

Passado este ciclo, a continuidade se dar na casa do seu tio e ao mesmo tempo tutor, para onde vai, após a expatriação de seu pai pela desavença deste com o capitão Gautier. Em casa do tio, ganha destaque a figura feminina da Sta. Lambercier, a quem recorda-se pelos castigos por ela aplicados, os quais os descreve como mais penosos pela espera do que pela execução dos castigos. Relata-os como uma pena prazerosa, pois não sentia raiva pelos castigos sofridos, ao contrário, sentia satisfação em sofrê-los. Contava à época, com oito anos de idade. Sobre este fato, relata:

Quem acreditaria que esses açoites, recebidos por um menino de oito anos, das mãos de uma mulher de trinta, decidiriam dos meus gostos, dos meus desejos, das minhas paixões, de mim, durante o resto da vida, e isso no sentido inverso do que precisamente se deveria esperar? No próprio instante em que meus sentidos foram despertados, os desejos me tomaram de tal forma o corpo que, limitados ao que conheciam, não cuidaram em procurar outras satisfações (ROUSSEAU, 2008, p 38).

Já adolescente, entre o converter-se ao catolicismo e a configuração de uma vida errante, entra em cena a Senhora de Warens, Louise-Éléonre de Warens, a qual se tornará referência e porto seguro por toda a vida adulta do jovem Rousseau. Esta senhora, embora separada, não é depravada; para sua surpresa, é uma boa senhora, e o período em que conviveram definiu seu caráter. A Sra. de Warens tornou-se uma espécie de porto seguro, para o qual retornaria sempre e de onde muitas vezes retirou forças para prosseguir seu percurso. O encontro dos dois se deu em um caminho, uma passagem, espécie de ponte, assinalando uma espécie de metáfora que o levaria aos lugares e o traria de volta sempre que preciso fosse. Assim Jean-Jacques a descreve seu encontro e impressões sobre a Sra de Warens:

Era uma passagem atrás de sua casa, entre um regato, à direita, que a separava do jardim, e um muro do pátio à esquerda, levando por uma portinha à igreja dos franciscanos. Prestes a entrar nessa porta, a Sra. de Warens voltou-se ao me ouvir a voz. Como fiquei eu ao vê-la! Eu imaginava uma velha beata cheia de rugas, porque, na minha opinião, a boa senhora do Sr. de Pontverre não poderia ser outra coisa. E vi um rosto cumulado de graças, lindos olhos cheios de meiguice, uma pele deslumbrante, o entorno de um colo encantador . [...] Quem negar a simpatia das almas, explique, se puder, porque desde a primeira entrevista, desde o primeiro olhar, a Sra. de Warens me inspirou não só a mais viva dedicação como também uma confiança perfeita que nunca se desmentiu. Suponhamos que o que senti por ela foi verdadeiramente amor, o que parecerá duvidoso a quem seguir a história de nossas relações (ROUSSEAU, 2008, p. 67- 69).

Importantes são ainda: a criada e a Sra. de Vercellis, esta senhora, representa como que a filosofia, pois é árida, pouco penetrável, quase indomável, porém, mulher de muito espírito, de alma elevada e forte. Mulher de meia idade, de feições nobres, espírito cultivado, gostava de literatura francesa e a conhecia. Escrevia muito e sempre em francês; porém, insensível para com ele (ROUSSEAU, 2008, p. 94). Pelo que descreve, nunca foi acolhido por ela, mesmo ele a tentando conquistar de toda maneira. Em resumo, a Sra. de Vercellis nunca o acolheu de fato, com afetividade e reconhecimento. É um paralelo com sua vida. Rousseau se sentia “fora” da filosofia por não pertencer a uma academia e as tentativas para pertencer a uma academia foram frustrantes. A Sra. de Vercellis, para quem Rousseau havia trabalhado como *valet*, representa essa questão.

Em *Júlia ou a Nova Heloísa*, Júlia, a heroína lírica do romance agrega junto a si, todos os personagens envolvidos no romance e em volta da qual têm curso os elementos que dão curso à história. Júlia é tudo que a razão pode determinar, mesmo que a paixão, o amor romântico seja o enredo nesse romance. Especialmente na 2ª parte deste romance, é possível acompanhar as estratégias, as ações e a altivez de Júlia. Apaixonada por Saint-Preaux, mas, obrigada por seu pai a se casar com o Sr. de Wolmar, aceita seu destino sem deixar de ser venturosa. A angústia desse destino vivido é narrado através de cartas e encontros entre Júlia e seu Amado Saint-Preaux, mas, com uma sinceridade tão altiva, que é difícil não se integrar à história, ou não se revoltar com o desfecho. Dedicando-o em especial às mulheres e aos povos corrompidos, porém, nem todas suportariam ou compreenderiam a sua grandeza (ROUSSEAU, 2006).

Sobre o impacto que sua obra romanesca pode causar, no 1º Prefácio, diz:

Por que temeria dizer o que penso? Esta coletânea, com seu tom, convém melhor às mulheres do que livros de filosofia. Ela pode ser útil àquelas que, numa vida desregrada, conservaram algum amor pela honestidade. Quanto às moças, é outra coisa. Nunca uma moça casta leu um romance, e coloquei neste um título suficientemente arrojado para que, ao abri-lo, se sabia o que esperar. Aquela que, apesar deste título, ousar ler uma única página, é uma moça perdida: mas que não impute sua perda a este livro, o mal fora feito de antemão. Visto que iniciou, que acabe de ler: não mais nada a pôr em risco (ROUSSEAU, 1994, p. 24).

No romance, Júlia é a filha amorosa; a amiga leal; a amante cúmplice e apaixonada; é a mulher virtuosa. Não titubeia nas decisões que precisa tomar para que tudo esteja sob controle e para que todos ao seu redor estejam bem. O romance com seu amante é vivido com toda intensidade de sentimentos, a despeito da decisão em casar-se o Sr. de Wolmar, separando-se fisicamente de seu amado Saint-Preaux. Na *Carta XI – De Júlia*, tem-se:

Então é verdade que minha alma não está fechada ao prazer e que um sentimento de alegria nela ainda pode penetrar? Ai de mim! pensava, desde sua partida, ser sensível agora apenas à dor, pensava somente saber sofrer longe de ti e nem mesmo imaginar consolações para tua ausência. Tua encantadora Carta a minha Prima veio tirar-me do engano; li-a e beijei-a com lágrimas de ternura, ela derramou o frescor de um doce orvalho sobre meu coração morto de aflições e fanado de tristeza e senti, pela serenidade que me ficou, que não tens menos ascendência de longe que de perto sobre as afeições de tua Júlia (ROUSSEAU, 1994, p. 202).

A apaixonada Júlia mantém-se reconfortada em seu sofrer e superação do sofrimento, pela força do amor e dos laços de amizade entre seu amado, sua prima e destes para com ela.

No *Emílio*, Rousseau dedica boa parte do livro cinco para tratar da mulher enquanto mulher e de sua conduta desde a infância, assim como fez com Emílio, o menino aprendiz e personagem principal. Ao designar Sofia como a companheira ideal que o jovem Emílio deve desposar, o filósofo fala da mulher em si, da sua formação, educação e de seu papel moral que antecede o matrimônio. Antes de falar a respeito propriamente da figura feminina de Sofia, discorre sobre a mulher enquanto mulher; da mulher menina; da mulher como esposa, mãe; da mulher enquanto ser social dotado pela natureza a desenvolver e exercer as habilidades e potencialidades que lhes são próprias, aplacando assim, cinco aspectos relacionados à natureza específica do sexo feminino. Pela mulher enquanto mãe, tem início todo um processo futuro que resultará nos bons cidadãos para a pátria, inspirada no modelo espartano. Sofia agrega em si esses estágios da mulher.

Conforme Rousseau (1995, p. 433), “da boa constituição das mães depende inicialmente a dos filhos; do seio das mulheres depende a primeira educação dos homens; das mulheres dependem ainda os costumes destes, suas paixões, seus gostos, seus prazeres, e até sua felicidade [...]”. Assim, a mulher representa a base do equilíbrio moral e social que vai do privado ao público por meio de sua especificidade. Na figura feminina, de Sofia, Rousseau credita parte da responsabilidade para o equilíbrio social, bem como a ideia de que a natureza a dotou, assim como também ao homem de um elemento, anterior à opinião que, regrado pela razão, faz com que a mulher se torne ainda mais íntegra em sua moralidade; esse elemento é a consciência.

Sofia torna-se fundamental para o equilíbrio emocional e social de Emílio e como que dá sentido ao itinerário do que o mesmo deve seguir; de alguma forma, ela dispõe do comando em muitas das decisões do amado e esposo. Em *Os Solitários*, entendido como a continuação do *Emílio*, Sophie, arrastada a passar dois anos na cidade¹, com o marido, após ter perdido a mãe e a filha, cai em tentação. Trai o esposo, amoroso e fiel. A princípio é odiada, abandonada e blasfemada, Emílio, após trinta e seis horas de errância pela cidade, cai em si e a perdoa pelo crime da traição. Fazendo recair sobre si a culpa.

Em *Os Solitários*, Rousseau descreve Sophie como virtuosa até mesmo tendo praticado um erro, ao narrar a sinceridade com que isso tudo é vivenciado por ambos. Sophie poderia ter enganado o marido com um filho que não era dele e continuarem juntos, de aparências, o que ela não faz. Diz ao marido a verdade, algo que em princípio é aterrorizador para ele. Ao refletir, toma para si a culpa e exalta a mulher. Citando Rousseau (1994, p. 48-49):

Oh Émile, você a perdeu, você tem que se odiar e ter pena dela; mas que direito tem de desprezá-la? Você próprio se manteve irrepreensível? O mundo nada usurpou do seu comportamento? Você não partilhou sua infelicidade, mas não a desculpou, deixando de honrar sua virtude? Não a atiçou, vivendo em lugares onde tudo o que é honesto é motivo de escárnio, onde as mulheres se envergonhariam de serem castas, onde o único prêmio pelas virtudes de seu sexo é a chacota e a incredulidade? A fé que você não violou esteve exposta aos mesmos riscos? Você recebeu, como ela, esse temperamento de fogo que faz grandes fraquezas, bem como grandes virtudes? Possui esse corpo formado demais pelo amor, exposto demais aos perigos por seus encantos, e às tentações por seus sentidos? Oh, como é digno de compaixão o destino de tal mulher! Que combates ela não deve travar sem trégua, sem cessar, com os outros, consigo mesma? Que coragem invencível, que tenaz resistência. Que heróica firmeza não lhe são necessárias? Quantas perigosas vitórias ela não tem de conquistar diariamente, sem testemunha do seu triunfo senão o céu e seu próprio coração? E após tantos lindos anos passados assim a sofrer, combater e vencer continuamente, um momento de fraqueza, um só momento de abandono e descuido macula para todo o sempre esta vida irrepreensível e desonra tantas virtudes [...]. mulher desventurada! Ah! um instante de desvario provoca os teus e os meus sofrimentos. Sim seu coração se manteve puro, tudo o confirma; é-me por demais conhecido para me poder ludibriar.

Assim, pelo que foi dito, na literatura filosófica de Jean-Jacques Rousseau, a mulher é o traço representativo do sensível, da força e da virtude. Neste sentido, ela assume cabal importância em sua filosofia por vários motivos, seja para a composição de suas obras com personagens fortes, como Sophie e Júlia, seja porque estão intimamente atreladas ao desenvolvimento de seu caráter; do seu gosto

¹ No *Emílio ou Da Educação*, livro cinco, ao casarem-se, Emílio e Sofia optam por morar no campo, afastados da cidade.

ou da sua virtude, a exemplo da tia e da madame de Warens, podendo ser apreciados os efeitos dessas personagens em seu pensamento filosófico.

Há toda uma crítica ao Rousseau referente à forma como a mulher é retratada por ele, *Emílio*, principalmente; muitas destas críticas o consideram machista, pelo fato de compreenderem a mulher como submissa e relegada a segundo plano frente às decisões do homem. Por outro lado, levando-se em consideração o período de suas publicações, é possível pensar a mulher como ocupante de um espaço e sim, muito representativo dentro da literatura filosófica de Jean-Jacques Rousseau. De modo que a mulher representa o fio condutor por meio do qual o filósofo tece questões fundamentais de seu pensamento filosófico e tem na figura da feminina um ser, ora sentimental, ora forte e virtuoso a estandarte de suas ideias e pensamentos.

THE PLACE OF WOMAN IN PHILOSOPHICAL LITERATURE BY JEAN-JACQUES ROUSSEAU

ABSTRACT

The present text proposes to deal with the identification of the role of women, how it is described, what functions the female figure plays in the philosophical literature of Jean-Jacques Rousseau, especially in the works: *Confessions*, *Júlia or the new Heloise*, *Emilio or Da Educação* and *Émile and Sophie or Solitarys*. Rousseau begins the *Confessions* giving prominence to the memories of his mother, passed on by his father. To her, she attributes the acquired sensibility, followed by the figures of the aunt, the mistress, the lady of Warens, a maid and Mrs. de Vercellis. Julia is described as a wise, strong, talented woman. Around it, the actions that give rise to the novel unfold. Sofia is the ideal woman thought for her imaginary student, Emilio. In addition to becoming his wife, she is always in the position of passing categorical guidance to her husband in most of her decisions, although in the solitaries they separate, Rousseau portrays her as a virtuous woman. Finally, Rousseau characterizes the woman as affectionate, affable, affectionate, sweetly sentimental, but, at the same time, a strong and virtuous being.

Keywords: Woman. Literature. Philosophy. Rousseau.

REFERÊNCIAS

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Para ler Rousseau:** uma interpretação de sua narrativa confessional por um leitor da posteridade. São Paulo: Ed. Inteligentes, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Confissões.** Tradução: Rachel de Queiroz e José Benedicto Pires. Bauru, São Paulo: EDIPRO, 2008.

_____. **Emilie e Sophie ou Os Solitários.** Edição Bilingue. Tradução: Françoise Galler. Porto Alegre: Ed. Paraula, 1994.

_____. **Emílio ou Da Educação.** Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1995.

_____. **Júlia ou a Nova Heloísa.** 2. ed. Tradução Fúlvia M.L. Moretto. São Paulo: HUCITEC, 2006.

MINIBIOGRAFIA

Genildo Ferreira da Silva

PhD em Filosofia pela Université Paris X – Paris/França, Doutor e Mestre em Filosofia pela UNICAMP. É professor Associado 3 do Departamento de Filosofia e Professor Permanente do Programa de Doutorado e Mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Bahia – UFBA. É membro associado da Société internationale d'étude du XVIII siècle e Société Jean-Jacques Rousseau. É líder do Grupo de Pesquisa Center for the Study of Dewey and Pragmatism/UFBA.

Maria do Socorro Gonçalves da Costa

Professora Assistente, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Campus VII; Mestra em Cultura e Sociedade pelo PGCULT-UFMA, e integra o Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau – GEPI Rousseau – UFMA, como membro pesquisador.